

«Viva, com efeito, é a palavra de Deus e eficaz» (Hb 4,12)

A energia da palavra na formação das Escrituras

A «expansão da palavra» é, segundo L. Alonso Shökel, um dos resultados do dinamismo das duas palavras fundamentais do AT, a da aliança e a profética: «expansão quer do seu sentido quer da sua força. Não só mantêm a sua vida na actualização litúrgica do texto dado, mas mobilizam a força da linguagem em «novas palavras de Deus.»¹

Um resultado que, a meu ver, vale para o conjunto da Escritura. Toda ela é fruto da eficácia das palavras que estão na sua origem e que fazem dela palavra de Deus, por nascer de palavras de Deus. Sem deixarem de ser palavras humanas.

Para a abordagem deste dinamismo na formação da Escritura, irei apoiar-me no que ela diz: como palavra viva de Deus e como palavra eficaz de fé humana. Com os limites que a brevidade da abordagem impõe, nomeadamente no que toca a textos bíblicos. Dos quatro escolhidos, dois falam da eficácia e dois mostram-na em acção – na formação de novos textos².

¹ L. ALONSO SCHÖKEL, *Hermeneutica de la Palabra. I: Hermeneutica Bíblica*, Madrid 1986, 107.

² Dos quais viveu o Prof. Manuel Isidro Alves, ao serviço do dinamismo da Palavra. Pelo muito que dele recebi, a minha gratidão!

Deus e a vida da sua palavra segundo Heb 4,12 e Is 55,11

A frase de *Heb 4,12* começa, no original grego, tal qual é citada em título: com o adjectivo ζῶν. Ao destaque por anteposição corresponde o peso significativo: «vivo» é na tradição bíblica um dos atributos de Deus, aquilo que – pela criação, conservação e redenção – o distingue dos ídolos que nada são.³ E como ele, é a palavra que o revela: é viva, «porque ela própria participa da vida do θεὸς θῶν»⁴.

E porque é viva, é «eficaz» – ἐνεργής: um adjectivo presumivelmente formado a partir de ἐν ἔργῳ εἶναι⁵. Aplicado à palavra, indica a capacidade de transformar «em obra» o que nela se diz. No caso, por ser Deus quem a diz: o Deus cuja vida se manifesta na vitalidade do que diz.

A afirmação de Heb lembra a de *Is 55,11*, esta vinda do próprio Deus: «Assim actua a palavra que sai da minha boca: não voltará para mim vazia, sem ter realizado a minha vontade e sem cumprir a sua missão». Termo de comparação, indicado no versículo anterior, é a eficácia incontestável da chuva e da neve na fecundação da terra e na produção do alimento. Também elas «descem do céu», do mesmo Deus, cuja palavra se manifesta plena de vida pela vida que produz. O que o distingue, também aqui, dos ídolos sem vida (cf 40,12-26)⁶.

De resto, os dois textos (*Heb 4,12s* e *Is 55,10s*) estão relacionados por mais duas afinidades. Ao nível literário, ambos são introduzidos por uma partícula causal, que os liga, como fundamentação conclusiva, ao contexto anterior: em Heb a 3,7-4,11, onde é citado o Sl 94,7-11LXX, seguido da sua exegese; em Is a 55,1-9, onde a oferta da salvação é completada por um apelo à conversão. Um contexto que, num caso e no outro, se alarga por meio de inclusões literárias: em Heb entre 4,12s e 1,1s; em Is entre 55,10s e 40,6-8⁷.

³ Cf W. STENGER, «Die Gottesbezeichnung «lebendiger Gott» im Neuen Testament», in: TThZ 87 (1978), 61-69.

⁴ E. GRÄSSER, *An die Hebräer (Hebr 1-6)* (EKK XVII/1), Neukirchen-Vluyn 1990, 229.

⁵ Cf G. BERTRAM, «ἐνεργέω κτλ», in: ThWNT II, 649.

⁶ Cf C. WESTERMANN, *Das Buch Jesaja. Kapitel 40-66* (ATD 19), Göttingen 1970, 233.

⁷ Cf, respectivamente, E. GRÄSSER, *o.c.* (n. 4), 226, e F. J. STENDEBACH, «Jesaja 55,10-11 (15. Sonntag des Jahres)», in: J. SCHREINER (Ed), *Die alttestamentli-*

Ou seja, o conteúdo da palavra de Deus de que se fala nas quatro passagens é, pelo menos, o que está incluído entre elas: o da secção introdutória de Heb (1,1-4,13, e, a partir dela, o de toda a carta) e o do livro do Segundo Isaías (40-55). Essa, pois, é a palavra de Deus, classificada de viva e eficaz. Em quê e que sentido?

Aquele que pode deduzir-se da segunda afinidade: a situação histórica que condicionou a formação dos dois textos. Ambos são dirigidos a ouvintes abalados na sua confiança em Deus: em Is, aos exilados na Babilónia, ainda abatidos pela destruição de Jerusalém, ia para 50 anos, e que entretanto se tinham acomodado à vida adquirida num país com outros deuses; em Heb, a cristãos adormecidos na sua fé e prática religiosa (5,11; 10, 25; 12,3) e, por isso, sem a energia necessária para vencerem as provações que os esperavam (10,35s; 12,4.7). Uns e outros, portanto, sem a vitalidade que só Deus podia dar.

O que significa que não é por magia que a palavra divina actua, mas pela fé livre, a «ob-ediência» (ὕπ-ακοή – Rm 1,5) à «palavra ouvida» (ὁ λόγος τῆς ἀκοῆς – Heb 4,2). Só assim se compreendem as exortações que, nos dois textos, são corroboradas pela referência ao poder vivificante da palavra: as exortações à conversão (Is 55,6s) e à obediência (Heb 4,11).

Exortações que, entretanto, juntamente com o anúncio da salvação que as precede, são, elas próprias, palavra de Deus. Mas, com uma diferença no que toca à eficácia: enquanto as exortações são um apelo à fé, para que a palavra seja eficaz, no caso do anúncio, é à sua eficácia que se deve a fé. Assim o afirma Paulo em Rm 10,17: «A fé provem da audição, e a audição por meio da palavra de Cristo» – com ῥήματος Χριστοῦ, em que Χριστοῦ é não (apenas) objecto, mas sujeito da palavra. É ele quem actua no acto de audição de que nasce a fé, quem leva à «ob-audição» da fé. Mas então, como é que a palavra pode exigir, para ser eficaz, aquilo que é afinal resultado da sua eficácia?

No mesmo contexto, em vez de «palavra de Cristo», Paulo usa a expressão ῥῆμα τῆς πίστεως (10,8). E também aqui com πίστewς em sentido subjectivo: a fé em acção na palavra, a fé que a torna

eficaz⁸. Assim, o que num lado é atribuído a Cristo (e por ele a Deus), no outro é atribuído à fé (e por ela, ao homem, sujeito da fé). Do que se deduz que a palavra é ao mesmo tempo de Deus e do homem e que a sua eficácia só pode explicar-se pela presença e acção de Deus no homem – pela fé, que não só nasce da palavra, mas da qual também nasce a palavra, com a sua eficácia: a da palavra da fé. Como explicar esta relação de eficácia mútua? – Partindo do que acontece com a linguagem humana.

Da eficácia da palavra humana à eficácia da palavra de fé

Na Bíblia quer o hebraico קָוָה quer o grego λόγος (ou equivalentes) são usados, pelo menos, em três acepções diferentes: a do acto de dizer, a do conteúdo noético do que é dito, a da coisa ou acontecimento que é dito⁹. Se é sobretudo na terceira acepção que mais incide a eficácia, esta só é possível como resultado das duas anteriores. O que a palavra realiza deve-se àquele que a diz e àquilo que por ela é dito. Como, de resto, acontece já com a simples linguagem humana, também ela eficaz ou, na terminologia de filosofias da linguagem, performativa.

Nessa perspectiva, o acto de linguagem é visto como um processo de comunicação em que um locutor transmite uma mensagem a um receptor. Conforme o acento recai numa das componentes, assim predomina uma das três funções da linguagem: é expressiva, impressiva ou informativa, conforme se concentra, respectivamente, sobre o locutor, o destinatário ou o tema¹⁰.

A isso correspondem outras tantas dimensões do acto de linguagem¹¹: a locutiva, relativa ao conteúdo, enquanto tem ou não

⁸ Sobre os dois genitivos, cf U. WILCKENS, *Der Brief an die Römer (Röm 6-11)* (EKK VI/2), Neukirchen-Vluyn 1980, 227.229.

⁹ Para estes e outros sentidos, cf H. RITT, «λόγος», in: EWNT II, Stuttgart 1981, 880-887; T. E. FRETHEIM, «Worth of God», in: *The Anchor Bible Dictionary* 6, New York 1992, 961-968.

¹⁰ Cf L. ALONSO SCHÖKEL, *La Palabra Inspirada. La Biblia a la luz de la ciencia del lenguaje* (Bib. Herder, S. Escritura 75), Barcelona²1969, 121-123, com um resumo dos estudos linguísticos de K. Bühler e R. Jakobson.

¹¹ Conforme a análise de J. L. AUSTIN, *How to do Things with Words*, Oxford 1955. A sua aplicação à linguagem religiosa deve-se sobretudo a D. D. EVANS, *The Logic of Self-Involvement. A Philosophical Study of Everyday Language with Special*

sentido (harmonia interna entre os seus elementos) e significado (na sua relação a pontos de referência externos) e como tal é verdadeiro ou falso; a inlocutiva, relativa ao sujeito que fala, na medida em que se auto-implica naquilo que exprime (como no prometer, agradecer, ordenar, decretar); a perlocutiva ou performativa, relativa aos efeitos que o acto linguístico produz nos destinatários (como o de ensinar, consolar, comprometer, obrigar).

Sendo assim, todo o acto de linguagem, como acto de comunicação, é ou tende a ser, por natureza, performativo. E sê-lo-á tanto mais, quanto mais nele se auto-implicar o locutor, maior for a sua força inlocucionária. Neste caso, a performatividade pode mesmo atingir o próprio enunciado: quando com ele o locutor realiza aquilo que por ele é significado.

É neste âmbito que se situa a palavra de fé. Por ela o crente auto-implica-se, na sua convicção de crente, de tal modo no que diz, que no próprio acto de expressão linguística realiza o acto de fé. Mais: sem a palavra que o exprima não há verdadeiro acto de fé. Como acontece, por exemplo, com a gratidão: é sentimento interior para com um outro, mas necessita de um processo comunicativo que a exteriorize, para se realizar. Só então há agradecimento.

Na fé, pelo menos na judaico-cristã, por mais uma razão, que tem a ver com aquele em quem se acredita, juntamente com o que ele fez para nele se acreditar: o Deus que libertou Israel da morte no Egipto e que, pela ressurreição de Jesus, liberta o homem da morte do pecado. Duas intervenções que vivificaram de tal modo aqueles que delas directamente usufruíram, que as não puderam guardar para si. Por duas razões: primeiro, pela infinitude do Deus que se revela, impossível de encerrar dentro dos limites humanos¹²; segundo, pela dimensão salvífica da sua intervenção, que é salvífica naqueles que a recebem, na medida em que actua neles, para a salvação de outros. Daí a necessidade existencial do seu anúncio, feito como testemunho, que é por natureza auto-impli-

Reference to the Christian Use of Language about God as Creator, London 1963. Para um resumo da sua teoria cf J. LADRIÈRE, *L'articulation du Sens. I. Discours scientifique et parole de la foi* (Éd Cerf 124), Paris 1984, 91-139.

¹² O que leva, a meu ver, ao «excesso» próprio da fé, de que fala J. DUQUE, *Homo Credens. Para uma Teologia da Fé* (col. Estudos Teológicos da U.C.P. 3), Lisboa 2002, 186-197.256-268.

cativo, e como desafio à fé, necessária para participar da salvação oferecida ¹³.

É este kerigma que, naqueles que o acolhem, se torna palavra de fé, nos dois sentidos atrás mencionados: palavra de que nasce a fé, e palavra que nasce da fé. É fonte de fé através do conteúdo que nela é testemunhado: Deus com a oferta activa da sua salvação. É expressão de fé como resposta activa de adesão a Deus e à salvação por ele oferecida. Palavra, por isso mesmo, duplamente auto-implicativa: de Deus que por ela se oferece ao homem; do homem que por ela se entrega a Deus. Mas uma entrega que se deve ao próprio Deus. É ele que a precede e provoca com a oferta da sua salvação, em acção na palavra que a anuncia.

Veja-se como isso acontece nos dois textos bíblicos que se seguem.

A palavra de fé de Dt 26,5aβ-9

Trata-se de uma fórmula de fé de conteúdo histórico-salvífico ¹⁴. Não está, por isso, directamente expressa em estilo dialógico (entre o «eu» do crente e o «tu» de Deus), mas narrativo: pela exposição, predominantemente na 3.^a pessoa verbal, das intervenções com que Deus deu a vida ao seu povo. Mas é uma confissão de fé: é resposta de adesão ao Deus que se revela pela acção salvífica exposta; uma resposta dada, para mais, diante de IaHVeH (isto é, do altar do seu templo) e inserida na oferta das primícias da terra, dele recebida (cf 26,1-5aα.10-11).

Formalmente é composta por cinco «artigos», construídos em ritmo ternário: o v. 5aβ tem uma frase nominal com três palavras; o v. 5b, três frases verbais, terminando a última com três adjectivos; o v. 6, três frases verbais, a última das quais mais longa; o v. 7, três

¹³ Cf J. LADRIÈRE, *L'Articulation di Sens. II. Les langages de la foi* (Éd Cerf 125), Paris 1984, 23-40. É nesta perspectiva que A. M. ARTOLA explica a inspiração bíblica [cf A. M. ARTOLA – J. M. SANCHEZ CARO, *Biblia y Palabra de Dios* (Introducción al Estudio de la Biblia 2), Estella 1992, 179-183].

¹⁴ Para a análise que se segue da sua forma e conteúdo, cf N. LOHFINK, «Deuteronomium 26,4-10 (I. Fastensonntag)», in: J. SCHREINER (Ed), *Die alttestamentlichen Lesungen der Sonn- und Festtage. Auslegung und Verkündigung 1C*, Würzburg 1970, 109-127; G. BRAULIK, *Deuteronomium II. 16,18-34,12* (Die neue Echter Bibel AT 28), Stuttgart 1980, 191-196.

frases verbais, a última a concluir com um esquema ternário; os v. 8-9, três frases verbais, sendo a primeira e a última mais longas. O ritmo facilitava certamente a memorização e a consequente integração na vida do crente. Uma vida que, efectivamente, será tanto mais plena, quanto, pela fé, fôr vivida na dependência de Deus. O que pode explicar a insistência no número três, indicativo de plenitude e totalidade.

A estrutura literária de conjunto aponta já para o momento originário, do ponto de vista histórico-salvífico, dessa vida dada por Deus. De facto, quer na forma quer no conteúdo, há um aumento de «artigo» para «artigo», levando assim a que o acento recaia no último:

- Começa-se com o passado nomádico do *«pai, arameu errante»* (v. 5aß); um *estado* de perdição, a que, porém,
- A *acção* da descida ao Egipto pôs termo (v. 5b): aí Jacob *«tornou-se um povo grande forte e numeroso»*; mas, com as limitações próprias de um *«estrangeiro»*, aquelas em que
- *«Os egípcios nos maltrataram, nos oprimiram e nos impuseram dura escravidão»* (v. 6); uma experiência de morte, formulada na *1.ª pessoa do plural*, isto é, em que já estão envolvidos os que no presente confessam a sua fé. Uma participação que continua na reacção:
- *«Clamámos a IahVeH, Deus dos nossos pais, e IahVeH ouviu o nosso clamor, viu a nossa humilhação, os nossos trabalhos e a nossa angústia»* (v. 7); ou seja, pela primeira vez *Deus é nomeado e entra em acção*, concluindo assim a sua intervenção:
- *«IahVeH tirou-nos do Egipto, com a sua mão forte e o seu braço estendido, no meio de grande terror, sinais e prodígios, trouxe-nos a este lugar e deu-nos esta terra, terra onde corre leite e mel»* (v. 8s). Está aqui o auge para onde conflui toda a confissão: é o «artigo» mais longo; IahVeH é o sujeito exclusivo da acção; no seu conteúdo, uma acção poderosa (com *mão forte*, nas pragas do Egipto, Ex 6,1; o *braço estendido*, na passagem do mar vermelho, Ex 15,1), numinosa (no meio de grande terror, o «*tremendum divinum*» da gerra do Senhor, Ex 14,24) e justa (com os *prodígios* como *sinais* probativos da justiça da intervenção divina, Ex 4,8.17.30); uma intervenção que, finalmente, se estende até ao presente dos que assim confessam a sua fé: é feita no *lugar* (a região, onde está o santuário, Ex 15,7) e na *terra* (prometida desde os patriarcas, Gn 12,7; 13,15...), dada pelo Senhor e com a fecundade (*leite e mel*) de que são fruto as primícias agora oferecidas.

À oferta está ligada primeiro a adoração a Deus (em palavras

de doação e o gesto da prostração, v. 10), e depois a comunhão fraterna (na refeição, partilhada com o levita e o estrangeiro, v. 11). Ambas como resultado da confissão de fé que as precede e é a alma da celebração. Sinal disso é a ligação literária entre as últimas palavras da confissão e as primeiras da adoração: entre «*trouxe-nos a este lugar e deu-nos esta terra, terra onde corre leite e mel*» (da parte de Deus) e «*por isso, aqui trago agora os primeiros frutos da terra que me deste, Senhor*» (da parte do crente).

É, pois, a confissão de fé que faz da celebração um memorial ¹⁵: leva a que IaHVeH se torne presente e actuante pelo acontecimento salvífico originário evocado e no qual ele se revelou eficazmente e de uma vez para sempre como o Deus da vida. Actua no crente e pelo crente, na medida em que este faz destas palavras o seu acto de fé: dá-se a Deus com a toda a sua vida, reconhecendo que ela é um dom de Deus. Mas um reconhecimento devido à palavra que pronuncia, que antes de ser sua é de Deus.

De facto, o «artigo» principal (v. 8s) começa com aquela que é considerada das fórmulas de fé mais antigas de Israel: «IaHVeH tirou Israel do Egipto» ¹⁶. Na boca da geração que viveu directamente o acontecimento nela evocado era um testemunho do que tinham experimentado como origem da sua vida: a acção salvífica de Deus. Daí a sua eficácia. Foi por ela que Deus criou o seu povo e o mantém vivo (cf Is 40-55); o povo formado por aqueles que fazem dela um acto de fé no Deus que nela se revela e por ela actua – nos sucessivos momentos da história em que vai sendo pronunciada.

A palavra de fé de 1 Cor 15,3b-5

Paulo chama-lhe, na introdução (v. 1-3a), «Evangelho». Uma classificação do ponto de vista de quem a transmite. Da perspectiva de quem a acolhe, trata-se de uma fórmula de fé. Assim o indicam, além do verbo πιστεύω (v. 2), a forma literária, o conteúdo expresso e os efeitos produzidos ¹⁷.

¹⁵ Semelhante à eficácia sacramental da anamnese eucarística. Sobre a sua performatividade, cf J. LADRIÈRE, *o.c.* (n. 13), 309-334

¹⁶ Cf A. M. ARTOLA, *o.c.* (n. 13), 139-141.

¹⁷ Sobre a forma, o conteúdo e a história da sua génese, cf M. ISIDRO ALVES, *Ressurreição e Fé Pascal* (Ed Didaskalia, «Fundamenta» 8), Lisboa 1991, 51-69.

Formalmente, são duas frases ordenadas paralelamente: à afirmação de «*que Cristo morreu, pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado*» (v. 3b-4a), corresponde, na mesma ordem e com o mesmo número de membros (3+1), a de «*que foi ressuscitado, ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e que apareceu a Cefas e depois aos Doze*» (v. 4b-5). O ritmo e o paralelismo facilitavam a fixação e recitação do texto: fixação (e explicação) provavelmente durante a catequese pre-baptismal; proclamação certamente integrada (também) na recepção do baptismo – como confissão de fé.

De facto, é a esse nível que se situa o conteúdo. A morte e a ressurreição de Cristo são apresentadas, numa complementariedade que o paralelismo da construção literária já exprime, como intervenção salvífica de Deus, historicamente a maior e definitiva. Assim o mostram:

- A relação entre o aoristo activo ἀπέθανεν (*morreu*) e o perfeito passivo ἐγήγερται (*foi/está ressuscitado*). A ressurreição foi, só podia ser, acção do Senhor da vida (passivo divino); uma acção que perdura (perfeito) não só na condição gloriosa do Ressuscitado, mas também nos crentes que dele, nele e para ele vivem (como Senhor, Fl 2,9-11). Uma condição que Cristo adquiriu pela sua morte, o acontecimento passado, definitivo e único (aoristo), de completa comunhão de amor com Deus e à medida de Deus (a obediência de quem era de condição divina, Fl 2,6-8). Daí
- Os efeitos escatológico-salvíficos: o perdão obtido e oferecido na morte expiatória e vicária «*pelos nossos pecados*»; uma libertação que é fonte de vida com aquele cuja «*ressurreição gloriosa resume e culmina todos os gestos salvíficos realizados por Jahvé “ao terceiro dia”*»¹⁸. Os gestos conhecidos
- «*Segundo as Escrituras*». É nelas que IaHVeH se revela como, «*não um Deus de mortos, mas de vivos*» (Mc 12,27par), pela vida que deu aos descendentes de Abraão, Isaac e Jacob na libertação do Egipto (Ex3,6), e depois a tantos justos do seu povo, a sofrer devido à sua

¹⁸ *Ibidem*, 63. Com base na exegese rabínica de Ex 19,16; Os 6,2; Jon 2,1, conclui: «A expressão do enunciado de 1 Cor 15,4 não se destina, pois, a precisar uma data, mas a sugerir que a ressurreição de Jesus é um acontecimento de capital importância, isto é, o acontecimento escatológico por excelência, em que se realiza o acto salvador de Deus em Jesus Cristo.»

justiça. Entre eles, o Servo de IaHVeH de Is 52,13-53,12, o texto que mais ajudou a descobrir o plano redentor de Deus em acção na morte e glorificação de Cristo. Uma e outra, vistas como verdadeiras realidades através de:

- A referência à *sepultura* e às *aparições*. A primeira indica, segundo a mentalidade judaica de então, a consumação da morte; a segunda, as incidências da ressurreição (em si um acontecimento meta-histórico) na história, em primeiro lugar de Cefas e dos Doze.

São os primeiros de uma lista, completada por Paulo e da qual ele é o último. De todos se diz que Cristo lhes «apareceu» – com o passivo ὤφθη (v. 5.6.7.8) do verbo ὀράω, o mesmo que Paulo usa em 1 Cor 9,1, para fundamentar o seu apostolado: «Não vi eu Jesus, o Senhor nosso?» As mesmas palavras ditas por Maria Madalena aos discípulos e por estes a Tomé: ἐώρακα(μεν) τὸν κύριον (Jo 20,18.25).

Trata-se de uma das fórmulas mais antigas do kerigma neotestamentário¹⁹: a proclamação daquele que na sua manifestação de ressuscitado se revelou e foi reconhecido na sua condição divina de Senhor. Mas um reconhecimento e uma proclamação com origem na revelação: na acção de Deus, presente e actuante no Ressuscitado. É nesse sentido que Paulo diz ter sido constituído Apóstolo «quando aprovou a Deus – que me escolheu desde o seio de minha mãe e me chamou pela sua graça – revelar o seu Filho em mim, para que o anuncie como Evangelho» (Gl 1,15s). Uma graça que passou a actuar nele e por ele: deve-lhe todas as obras do seu apostolado (1 Cor 15,10), à mesma graça antes referida com a expressão «morreu pelos nossos pecados» (v. 3b).

Assim, o Evangelho que o Apóstolo anuncia é o mesmo cujo conteúdo está na origem e em acção no apostolado²⁰. É tal a presença da mensagem no mensageiro, que este, como testemunha, acaba por integrar o conteúdo da mensagem. É o caso do final do texto de 1 Cor 15,3b-5 e de vários discursos missionários de Act (2,32; 10,40s; 13,31s; cf 26,16.22).

Daí a eficácia salvífica do Evangelho: nas suas testemunhas e, por eles, naqueles que a ele aderem – os que ao anúncio «vi o

¹⁹ Cf A. M. ARTOLA, *o. c.* (n. 13), 148s.

²⁰ Cf A. OLIVEIRA, *Die Diakonie der Gerechtigkeit und der Versöhnung in der Apologie des 2. Korintherbriefes. Analyse und Auslegung von 2 Kor 2,14-4,6; 5,11-6,10* (NTA 21), Münster 1990.

Senhor» ou seu equivalente «Deus ressuscitou-o de entre os mortos», respondem pela fé: «Jesus é Senhor» (Rm 10,9). Provavelmente a confissão de fé mais antiga do NT. É tal o seu poder como acto de fé, que os efeitos do baptismo, de que é parte integrante, são descritos com palavras do Evangelho: como um morrer e ressuscitar com Cristo (cf Rm 6,3-10; Ef 2,5s; Col 2,12s; 2 Tim 2,11-13 com 1 Cor 15,3b-5)²¹. Sinal de que o baptismo não é senão a expressão ritual da fé em acto na sua confissão. E sinal da eficácia desta, como palavra de fé.

A eficácia das palavras de fé na formação das Escrituras

À importância dos textos abordados corresponde o destaque que lhes é dado com o lugar que ocupam no contexto literário e histórico em que são transmitidos. A confissão de fé de Dt 26,5ab (no centro de 26,1-11) fecha a colecção de leis de Dt 12-25. A de 1 Cor 15,3b-5 (no centro de 15,1-11) abre, como base argumentativa, a resposta paulina à questão da ressurreição dos mortos tratada em 1 Cor 15²².

Contextos, portanto, da perspectiva histórica, em que está em jogo a existência dos crentes na sua relação vital com Deus. No Dt, as leis são vistas como parte integrante da aliança, da qual nasceu e vive o povo de Deus. Daí serem colocadas, com o peso de um testamento, na boca de Moisés, o medidor humano do acontecimento fundador.

Também em 1 Cor 15 Paulo parte do acontecimento fundador da comunidade: do anúncio do Evangelho «que recebestes, no qual estais firmes e pelo qual sereis salvos, se o guardardes tal como vo-lo anunciei; de outro modo teríeis acreditado em vão» (v. 1s). Seria o caso dos que negam que os mortos ressuscitem. Então, na lógica da argumentação, «também Cristo não ressuscitou», o Após-

²¹ Cf U. WILCKENS, *o. c.* (n. 8), 8.50s, acerca da relação entre Rm 6,3s e 1 Cor 15,3b-5, dois textos que teriam feito parte da tradição catequética do baptismo.

²² Cf, respectivamente, G. BRAULIK, «Das Buch Deuteronomium», in E. ZENGER E OUTROS, *Einleitung in das Alte Testament* (Kohlhammer Studienbücher Theologie 1,1), Stuttgart, 1996, 78-88: 77s, e M. BÜNKER, *Briefformular und rhetorische Disposition im 1. Korintherbrief* (GThA 28), Göttingen 1984, 64-67.

tolo não passa de uma «falsa testemunha» e, com uma vida ainda escrava do pecado, «somos os mais miseráveis de todos os homens» (v.12-19).

Num caso como no outro, ligado às testemunhas (Moisés e Paulo) é apresentado o conteúdo do testemunho, numa forma muito próxima do seu teor mais original: «Jahvé tirou Israel do Egipto» (Dt 26,8), «vi o Senhor» (1 Cor 15,5). Ambas com a dimensão auto-implicativa, a força inlocucionária e a eficácia performativa próprias do testemunho, ou melhor, de Deus presente e actuante nas testemunhas. É desse modo que ele se oferece àqueles a quem a palavra é dirigida e os leva à adesão de fé. Uma adesão, por isso, expressa com as mesmas palavras do testemunho e com idênticos efeitos vivificantes, como acto de fé.

E, com a vida que transmitem, geram também novas palavras, necessárias para novas situações, com novos destinatários. É o caso das duas fórmulas de fé analisadas, em que o conteúdo (a acção salvífica de Deus) se alarga a acontecimentos que precederam ou sucederam o acontecimento fundador²³. Um alargamento adaptado à acção em que a fé é confessada: a oferta das primícias e a celebração do baptismo. Ambas com efeitos salvíficos, provenientes das palavras de fé que nelas estão integradas.

Por sua vez, é nelas que se fundamentam os autores dos textos em que hoje se encontram inseridas: o redactor do Dt para dar sentido teológico às leis antes expostas; Paulo para mostrar como ressuscitam os que morrem em Cristo. Num caso e no outro, com palavras que se tornaram necessárias para manter vivo o povo ou a comunidade que deve a vida à palavra de fé de que nasceu. Portanto, também neste caso, uma palavra que gerou novas palavras, cuja energia lhes vem da palavra que lhe deu origem; a mesma energia dos textos que Heb 4,12s e Is 55,10s qualificam como palavra de Deus viva e eficaz.

Foi finalmente o reconhecimento dessa energia vivificante que levou à sua canonização: a tornarem-se norma de fé e de

²³ O que não significa, no caso de Dt 26,5-11, que o texto se tenha formado a partir das palavras do v. 8a. Segundo N. LOHFINK, *a. c.* (n. 14), 112s, começou com a acção de graças dos v. 5.10a, a que mais tarde se juntou a fórmula de fé histórica, que resume todo o conteúdo do Pentateuco. Vista, porém, sincronicamente, não há dúvida que tudo depende das palavras do v. 8a.

vida, para os crentes de todos os tempos e lugares. Foi o caso dos livros abordados e dos restantes da S. Escritura, na medida em nasceram da fé e para alimentar a fé das comunidades que deles vivem – na fé.²⁴

ANACLETO DE OLIVEIRA

²⁴ Sobre a fundamentação da canonização dos livros bíblicos no seu contributo para a existência e identidade das comunidades que deles vivem, cf C. THEOBALD, «Le canon des Écritures: L'enjeu d'un «conflit des facultés»», in: IDEM (Ed), *Le Canon des Écritures. Études historiques, exégétiques et systématiques* (LecDiv 140), Paris 1990, 13-73: 57-73.